

**XXIII JORNADA
DE
TRABALHOS
DA BFC**

CURITIBA

2016

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

Esta publicação se refere a XXIII Jornada de Trabalhos da BFC, que ocorreu nos dias 23 e 24 de novembro de 2016.

“...da miséria neurótica à infelicidade comum”- S. Freud

Denise C. Cini

Felicidade vem do latim “felix” que significa afortunado. “Felicitas” significa sorte, fortuna.

O conceito de felicidade foi abordado em diferentes épocas por muitos pensadores e filósofos. Para alguns, a felicidade significa não faltar bens. Para outros, ela se refere a momentos da vida. Para Sócrates, a felicidade é alcançada desejando o que é bom, pelas virtudes. Ele defende que os bens, como riqueza e propriedades, não são mais importantes do que a busca pelo aperfeiçoamento moral.

Na atualidade, fala-se em felicidade, principalmente, quando se ama, se diverte, se tem “qualidade de vida” e sucesso profissional. Os livros de autoajuda que se direcionam a estas conquistas fazem sucesso nas vendas.

Agora a felicidade é buscada. Antes da ciência alcançar a importância dos dias atuais, acreditava-se que a felicidade era dada por Deus. Agora ela é buscada.

Até a ciência se direcionou ao estudo da felicidade. Gisele Leite, em seu trabalho “Reflexões sobre o conceito de felicidade para a sociedade contemporânea”, questiona sobre a possibilidade de ser cientificamente feliz e relata sobre uma resolução da ONU de 2011, em que declara o direito à felicidade como direito fundamental, que deve nortear o Estado de Direito, que tem como uma das metas primordiais a preservação da dignidade das pessoas.

A ciência não só estudou a felicidade como proporcionou o surgimento de alguns remédios para combater a infelicidade. Lembro-me quando surgiu o “Prozac” na década de oitenta. Composto por cloridrato de fluoxetina, devido a não ter tantos efeitos colaterais desagradáveis como os antidepressivos anteriores à sua invenção, era chamado de “a pílula da felicidade”.

Aí está a ciência acompanhando o discurso capitalista, em que se tem como slogan “consume e seja feliz”. A castração é forcluída.

A castração seria o motivo da **infelicidade comum**? Como pensar a juventude e suas queixas, nas quais se dizem infelizes?

As respostas a estas duas questões serão dadas por este trabalho, fazendo um percurso em alguns momentos das obras de Freud e Lacan.

SIGMUND FREUD:

- 1- A frase “... da miséria neurótica à infelicidade comum”, que também foi traduzida por “... do sofrimento histérico à infelicidade comum”, foi escrita por S. Freud nos “Estudos sobre a histeria” (A psicoterapia da histeria) -1893 a 1895. Nesta época, Freud fazia uso do tratamento catártico. Ele dizia que em muitas vezes se defrontava com a seguinte objeção dos pacientes: “Ora, o senhor mesmo me diz que minha doença provavelmente está relacionada com as circunstâncias e os acontecimentos de minha vida. O senhor, de qualquer maneira, não pode alterá-los. Como se propõe ajudar-me, então?”. Freud dava a seguinte resposta: “Sem dúvida o destino acharia mais fácil do que eu aliviá-lo de

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

sua doença. Mas você poderá convencer-se de que haverá muito a ganhar se conseguirmos transformar seu sofrimento histórico numa infelicidade comum. Com uma vida mental restituída à saúde, você estará mais bem armado contra essa infelicidade”.

- 2- Em 1905, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud fala que as psicose neuroses se baseiam em forças pulsionais de cunho sexual e que a vida sexual das pessoas se expressa de maneira predominante, ou apenas parcial, nos sintomas. Afirma, então, “... os sintomas são a atividade sexual dos doentes”.

Ele nos mostra como o sexual, isto é, a pulsão sexual, está presente na “miséria neurótica”. Freud acreditava que na neurose haveria uma intensificação da resistência à pulsão sexual, que precisava ser diminuída.

A infelicidade estaria na insatisfação das pulsões sexuais que se manifestam pelos sintomas.

- 3- Em “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico” (1916), ele diz daqueles que são incapazes de tolerar sua felicidade. Quando eles têm êxito, adoecem. São. Como fala Freud, “arruinados pelo êxito”.

- 4- Já em 1930, no “O mal-estar na civilização”, Freud situa que os homens nunca poderão gozar de uma felicidade. O mal-estar está inerente à vida humana na cultura. Na cultura se regula os vínculos entre os homens e a distribuição dos bens entre eles. A regulação dos vínculos é a fonte principal (não a única) do mal-estar,

mas é também a condição da existência humana. Freud também diz, apesar de sua afirmação de não haver felicidade, que ela é momentânea e que os momentos de infelicidade são bem mais frequentes. Ele dá um exemplo de que nos sentimos felizes quando encontramos alguém amado que há tempo não víamos, mas o estado de felicidade logo diminui. Ainda indica que a felicidade estaria relacionada à satisfação das pulsões. Na regulação dos vínculos entre os homens, se requer a renúncia de satisfações pulsionais. Esta é a fonte principal de mal-estar, mas há outros dois aspectos que causam sofrimento:

a-) corpo que está destinado à ruína; isto é, não pode evitar a dor e a angústia;

b-) o mundo externo que nos ameaça.

- 5- Em 1937, em “Análise terminável e interminável”, Freud fala das dificuldades em se renunciar à pulsão e no conseqüente apego do neurótico ao sintoma e ao sofrimento causado pela neurose (MISÉRIA NEURÓTICA).

Agora, acompanhando J. LACAN, pretendo mostrar sua concepção, que é diferente da de Freud, sobre a infelicidade comum, reconhecida pelo analisante no percurso da análise.

Freud falou, principalmente, em renúncia pulsional. Lacan, com suas concepções de desejo e gozo, permite que se perceba de que o sujeito neurótico sofre por estar subordinado à linguagem, não saber sobre a causa do desejo, do gozo do Outro e do gozo do seu (sua) “parceiro(a)”.

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

Ele também abordou sobre o impossível de se escrever, **o Real**, ao falar do corpo, da morte e do real do sexo.

Corpo: é pela pulsionalização do corpo do infans que o sujeito é inserido na linguagem e alcança as inscrições do Real, Simbólico e Imaginário. Não é todo corpo que é imaginarizado e simbolizado. Há furos no corpo que são remetidos aos pedaços desprendidos dele (seio, voz, olhar, fezes). Lacan chamou-os de “objetos a”, objetos perdidos. Além dos furos do corpo (boca, ânus, orelhas, olhos), há a morte e o real do sexo, como já disse anteriormente.

O que é o real do sexo?

É a anatomia. Não é a mesma anatomia que é tomada pela ciência em geral. Precisarei retornar à Freud e resgatar sua frase “A anatomia é o destino”. Ele a utilizou em dois momentos de sua obra:

Em 1912: “Contribuições à psicologia do amor II”- “O reconhecimento da vida amorosa”.

Em 1924: “Dissolução do complexo de Édipo”.

Esta frase partiu daquela de Napoleão: “O destino é a política”.

E. Roudinesco, no livro “A família em desordem”, diz: “Longe de fazer da mulher um “homem invertido” ou “falhado”, Freud afirma que a anatomia é tão somente o ponto de partida de uma nova articulação da diferença sexual que condena todos homens e mulheres a se confrontarem com uma idealização ou uma desvalorização do outro, sem nunca alcançar uma completude real”.

Ela continua dizendo que Freud utilizou esta frase para além da conformidade do sexo anatômico à identidade sexual. Não é porque se é homem ou mulher na anatomia ou na genética, que se assumirá a posição de homem ou mulher. Não é nesse sentido que se deve pensar a frase “a anatomia é o destino”.

Freud se equivoca ao dizer que o bom destino da feminilidade para uma mulher seria a maternidade, porém o que E. Roudinesco mostra é uma visão de Freud mais voltada à incompletude. Lacan, no seminário 10 (aula de 15/05/1963, fala da etimologia da palavra *ana-tomia* como função do corte. É de corte, fragmentação, que se trata o corpo.

Ele faz referência à frase de Freud e ao quanto se rebelou contra ela por achá-la incompleta. No entanto, torna-a verdadeira se o termo anatomia tem seu sentido estrito de corte.

Jean-Pierre Lebrun, em “Amor, sexo e violência”, comenta quanto é difícil não poder escolher a anatomia, assim como não poder escolher nossos pais, etc.

“... É uma violência, por exemplo, não poder escolher seus pais, o que leva com frequência a injustiças flagrantes. É uma violência que a anatomia se imponha a cada um de nós, e faça com que nasçamos homens ou mulheres. As primeiras palavras da mãe a respeito de seu filho podem ser consideradas como uma violência, quando ela supõe um saber a seu filho, o qual fica limitado a isso que ela percebe, uma espécie de acossamento. Porém é melhor ter as

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

palavras limitadas de uma mãe do que não ter nenhuma palavra. Outra violência, a introdução do pai, que se interpõe entre a mãe e a criança para produzir alteridade, é frequentemente vivida como uma invasão. A posição dos pais, tanto da mãe quanto do pai, quando recusam à criança a persistência de sua onipotência infantil, implica uma violência. (...) o sentido dessa violência consiste em reconhecer que os lugares diferentes existem, que não podemos ocupá-los todos ao mesmo tempo, que não podemos ser todas as gerações, nem todos os sexos, que, portanto, somos limitados, que não é possível tudo”.

O sofrimento neurótico está em não aceitar reconhecer a impossibilidade, que também se refere à não existência da relação (proporção lógica) entre os sexos. Cada um dos sexos tem uma relação distinta com o que implica a ausência do falo. Há uma referência comum, que é o falo, porém as maneiras de se posicionar frente a ele são diferentes. Colocar-se como homem ou mulher nem sempre corresponderá ao sexo anatômico.

Novamente com E. Roudinesco: “Se , para a Psicanálise, o reconhecimento do sexo anatômico pelo entorno da criança não é por si só determinante para a definição da identidade sexual, se a diferença anatômica precisa ser inscrita no campo do simbólico como diferença de posições de gozo e no imaginário enquanto conjunto dos traços que a cultura atribui a tais posições, isso não significa que a diferença anatômica deva ser considerada como sem importância,

mas que a alteridade dos sexos depende essencialmente das posições de gozo dos seres sexuados e não de seus corpos. Porém, o real do corpo com o qual o “falasser” vem ao mundo sem que ele tenha escolhido não é algo irrelevante ou neutro”.

O **Real** não é um dado negociável, com o qual se faz escolha. O sujeito precisará lidar com ele, lembrando de que ele escapa à linguagem e às convenções sociais.

Agora, retomo a primeira questão feita no início deste trabalho: “Seria a castração o motivo da infelicidade comum?”.

Sim, trata-se da infelicidade constitutiva, da impossibilidade da completude, de fazer UM com o Outro e das outras vertentes da impossibilidade ditas por Freud e Lacan.

Sobre a relação conjugal, há um “defeito constitucional” (palavras de C. Melman) entre um homem e uma mulher. A partir deste defeito aparecem muitas queixas sobre a infelicidade.

“Todo o problema da vida do casal é o que ele vai fazer com essa falta” (C.Melman).

A segunda questão colocada foi em relação aos jovens infelizes. Refiro-me tanto a jovens adolescentes como a jovens que se debatem para ultrapassar a adolescência, independentemente da idade cronológica.

Resgatando J. P. Lebrun sobre o que não se pode escolher e a expressão “escolha da neurose” de S. Freud,

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

pretendo refletir sobre o sofrimento desses jovens.

Não estou me referindo à depressão, mas aos momentos repetitivos de grande tristeza que logo se dissipam por um motivo “qualquer” ou por causa do reconhecimento do desejo. Estes (as) jovens tentam lidar com a castração, simbolizá-la ou remediá-la. Diferente dos depressivos, que permanecem na condição de castrados, e de outros fenômenos depressivos encontrados na neurose.

Maria Rita Kehl, no livro “O tempo e o cão. A atualidade das depressões”, diz que o depressivo se abstém da reivindicação fálica. Para ele, a castração “... é uma ferida aberta, que além de envergonhá-lo, não para de doer. Nisso consiste a dor moral do depressivo, prova de que ele, embora conheça a castração, não é capaz de simbolizá-la”.

Ela também menciona as dificuldades do depressivo em fazer escolhas devido a esta incapacidade de simbolizar a castração e entrar de fato na neurose (“escolha da neurose”). Fica no início, na porta de entrada.

Momentos de tristeza, de infelicidade, podem ser confundidos com depressão, mas não são o mesmo.

Há dois tipos de queixa muito frequentes:

1-Reclamando da vida, tristes, dizem que não podem fazer escolhas. Os pais escolhem por eles. Resumo esta queixa em “NÃO ESCOLHO”.

2-Tristes por não estarem fazendo escolhas da forma que gostariam. Quando pensavam estar escolhendo algo por si mesmos, percebem que

estas escolhas eram direcionadas aos pais, aos colegas, etc.

Escolhas orientadas pelo fantasma.

Através da análise, o sujeito percebe que além de não saber para quem escolhe, o que escolhe nem sempre é o que pensa ter escolhido.

Resumo esta queixa em “EU NÃO SEI O QUE ESCOLHO E PARA QUEM ESCOLHO”.

Estas queixas, muitas vezes, acompanham as escolhas de atividades que ocorrem fora da escola (inglês, violão, piano, etc.), da profissão e dos parceiros(as) a-morosos(as).

É comum que o (a) jovem passe da primeira queixa à segunda, na medida em que os pais interferiram menos e a análise se efetive.

Então, fiquemos com a queixa: “EU NÃO SEI O QUE ESCOLHO E PARA QUEM ESCOLHO!”.

Para estes (as) jovens, a felicidade poderia ser alcançada se fossem protagonistas de sua história.

Como ser protagonista quando não sabe o que move suas escolhas? Como sê-lo quando percebe que responde à demanda do Outro?

A análise é um processo árduo e desafiador para se chegar a ser protagonista. Para que isto ocorra será preciso reconhecer a infelicidade comum, colocando-se como sujeito desejante, levando em conta o fantasma, o inconsciente, a castração e o que é impossível escolher.

No percurso da análise, outra expressão da felicidade também ocorre, porém num viés imaginário. Alguns se apaixonam por “parceiros (as)” e se dizem felizes. **Amor** é uma

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

solução imaginária, buscada para remediar a castração. Não me preocupo quando o amor comparece. Preocupo-me quando não comparece. Refiro-me a alguns sujeitos que tem relações fluidas com seus (suas) “parceiros (as)”.

J. Lacan dá importância ao imaginário, principalmente em seus últimos seminários. Sem menosprezar esta importância, ele diz, no “Aturdo”(1972), que na análise é preciso se atingir 3 saberes:

1- Saber sobre o sexo: NÃO HÁ RELAÇÃO SEXUAL;

2- Saber sobre o sentido: ESCUTAR À EQUIVOCIDADE DA LÍNGUA E AOS MODOS DE GOZO;

3- Saber sobre a significação: ELA PROVÉM DO FANTASMA.

Para exemplificar o primeiro saber (Não há relação sexual), ele se utiliza da anáfora dos versos de um poema de Antoine Tudal (seminário “O saber do psicanalista”-1972), em que aparece o amor e sua impossibilidade. Tudal tinha 14 anos quando redigiu este poema!

Antes de citar a anáfora, é necessário perceber o jogo de palavras evocadas pela homofonia na palavra AMOR em francês:

AMOUR: amor, muro, (a) muro, morte. Lacan toma o “(a) muro” em sua relação com o amor e o “muro da linguagem”. Percebe-se, então, o real, o simbólico e o imaginário.

Eis a anáfora:

“Entre o homem e a mulher,

Há o amor

Entre o homem e o amor,

Há o mundo,

Entre o homem e o mundo,

Há um muro”

Lacan diz que só há amor entre o homem e a mulher. Entre o homem e o amor “há um mundo”. Isto quer dizer que nunca se chegará ao amor (completude). Há um mundo e um muro antes do amor.

No final do poema de Tudal (poema resgatado por R. Harari) diz:

“Para os amurados tudo é muro

Inclusive uma porta aberta”;

(a)murados, aqueles submetidos à castração, à infelicidade comum.

No seminário 7, “A ética da psicanálise”, J. Lacan dizia que o neurótico visa a felicidade ao preço de seu desejo. Na análise, o sujeito encontraria o caminho de seu desejo, ao preço de sua felicidade. No entanto, em 1973, em uma conferência na Universidade de Yale, ele falou: “Uma análise não deve ser forçada até muito longe. Quando o analisando pensa que está feliz da vida, é o bastante”. Como entender esta frase?

Acredito que Lacan não se referia à completude para alguém ser feliz, mas sim à possibilidade do sujeito, em alguns momentos, saber fazer com a dor de existir, com a infelicidade comum.

Concordo com a fala de alguns psicanalistas de que a felicidade se encontra nos momentos em que se suporta o inesperado, sem se preocupar com as expectativas dos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Estudos sobre a histeria.**

Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1988, vol. II.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.**

Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1988, vol. VII.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II).**

Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1988, vol. XI.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico.**

Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1988, vol. XIV.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud – A dissolução do complexo de Édipo.**

Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1988, vol. XIX.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud – O mal-estar na civilização.**

Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1988, vol. XXI.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Análise terminável e interminável.**

Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1988, XXIII.

HARARI, R. **Por que não há relação sexual?**

Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão. Atualidade das depressões.**

São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

LACAN, J. **Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines – Yale University, Kanzer Seminar, 24/11/1975, Scilicet, n. 6/7.**

Paris: Éditions du Seuil, 1976.

LACAN, J. **A ética da psicanálise – seminário livro 7.**

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LACAN, J. **A angústia – seminário livro 10.**

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. **O saber do psicanalista – seminário 1971-1972.**

Publicação de circulação interna do Centro de Estudos Freudianos de Recife.

LACAN, J. **O aturdido – em Outros escritos.**

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LEBRUN, J.P. **Amour, sexe et violence.**

Disponível em: www.freud-lacan.com

LEITE, G. **Reflexões sobre o conceito de felicidade para a sociedade contemporânea.**

Portal de e-governo, inclusão digital e sociedade do conhecimento – postado em 06/08/2013.

MELMAN, C. **A prática psicanalítica hoje – Conferências.**

Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2008.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem.**

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

Inibição, depressão, melancolia

André Ehrlich

A colocação destes três termos, um em seguida do outro, soa um tanto incomum no âmbito de um trabalho psicanalítico. Depressão, desde que este termo passou a ser adotado pela psiquiatria para designar um transtorno de humor, passou a ser um termo a pedir tradução para possibilitar sua abordagem pela psicanálise. No entanto, mencionar a depressão em relação à inibição e à melancolia não é uma originalidade de minha parte. Freud, em seu trabalho de 1926, Inibição, Sintoma e Angústia, ao discutir o que ele denominou “as inibições mais generalizadas do eu”, argumenta que estas se dariam em função de uma perda de energia à disposição do ego e conclui: “Temos aqui um ponto a partir do qual deve ser possível chegar a uma compreensão da condição geral que caracteriza estados de depressão, inclusive a mais grave de suas formas, a melancolia” (FREUD, 1926). Ousarei aqui tomar os três termos do título como uma série. Uma série não quer dizer somente que uma característica, um traço venha a se repetir, fazer série, mas também a possibilidade de situar os termos ao longo de um eixo, sem necessidade de que a série se esgote nos termos citados. Assim, é pela segunda aceção que ousarei abordar os termos referidos e neste sentido tratar-se-á mais de marcar diferenças.

Traçarei a linha de um primeiro eixo a partir de uma frase de Freud que encontramos em Luto e Melancolia. Nos diz o pai da psicanálise que no luto, assim como na melancolia a relação ao objeto perdido é marcado por ambivalência. Travam-se, deste modo, ao nível do Inconsciente, inúmeras lutas

em torno do objeto nas quais amor e ódio se degladiam. A diferença está que no luto nada impede que este processo siga seu caminho do inconsciente ao pré-consciente enquanto que “esse caminho, devido talvez a um certo número de causas ou a uma combinação delas, está bloqueado para o trabalho da melancolia” (*Dieser Weg ist für die melancholische Arbeit gesperrt*) (FREUD, 1917/1989, v. 3, p. 210). Do ponto de vista da clínica este bloqueio se mostra em seu sentido inverso. Ou seja, a melancolia nos coloca diante de um “bloqueio”, uma *Sperrung*, à poiésis inconsciente.

Abordemos a depressão. No decorrer de sua célebre entrevista à televisão francesa Lacan contesta que nunca teria abordado a questão dos afetos. Neste contexto ele qualifica a depressão como um pecado, uma covardia moral, “que só é situado, em última instância, a partir do pensamento, isto é, do dever do bem dizer, ou de se referenciar no inconsciente, na estrutura” (LACAN, 1973, p. 524). A covardia moral equivale, assim, ao rechaço do inconsciente. No pólo oposto à tristeza Lacan situa o gaio *issaber* (*sçavoir* e francês, o que nos explicita o neologismo em questão: *ça+savoir*) que consiste “não em compreender, fisgar no sentido, mas em roça-lo tão de perto quanto se possa, sem que ele sirva de cola para esta virtude” (LACAN, *idem*).

O movimento próprio do inconsciente estruturado como uma linguagem é do relançamento significante da metonímia, assim como do efeito de sentido da metáfora que não implica uma colagem ao sentido, mas sim aponta ao não sentido no significante. Não podemos deixar de notar que o sintoma, sendo metáfora e formação do inconsciente, vem em acréscimo e neste sentido, algo novo, inesperado. A felicidade está no que o sujeito só pode dever tudo ao acaso e que “todo acaso lhe é bom para aquilo que o sustenta, ou seja, para

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

que ele se repita” (LACAN, idem). O sujeito é feliz sem desconfiar de sua dependência da estrutura. Na depressão temos o rechaço desta dependência estrutural, uma frouxidão em relação ao exercício do bem dizer, este que implica que a verdade nunca poderá ser dita por inteiro.

O neurótico é aquele que não quer saber, não quer saber de seu desejo, mas, para usar a metáfora de Piaget, mencionada por Lacan em seu seminário a Angústia, a torneira vaza! O que vem a diferenciar a postura neurótica da covardia moral do depressivo é que neste último a recusa ao pensamento é de ordem ética.

Usemos situar, portanto, que se a relação do melancólico ao inconsciente é marcado por um bloqueio, na depressão trata-se de uma rejeição, de uma recusa. Esta diferença vem também marcar um posicionamento subjetivo distinto. Portanto, não se trata de estabelecimento de graus, mas um modo de elaboração em torno de uma questão a comparecer na clínica.

Freud, em Inibição Sintoma e Angústia, define a inibição como “a expressão de uma restrição de uma função do ego” (FREUD 1926/1976, p. 107). Estas restrições são impostas ao eu como medidas de precaução ou como resultado de um empobrecimento da energia disponível ao eu.

Iniciaremos a leitura de Lacan em relação à inibição retomando o esquema ótico. Em particular a ligeira modificação introduzida por Lacan no decorrer do Seminário “A angústia” dos anos 1962-63. A modificação consiste em escrever acima da imagem virtual do vaso a letra ϕ precedida do sinal de menos. A implicação disto, nas palavras de Lacan: “O investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária. É fundamental por ter um limite. Nem todo

investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto. Esse resto (...) é o falo” (LACAN, 2005, p. 48). Ou seja, há um resto que permanece profundamente investido a nível do corpo, do narcisismo primário, que não entrará na imagem projetada pelo espelho do Outro. Em outras palavras, há algo profundamente próprio de cada um a funcionar como uma reserva operatória que intervirá, eventualmente, na relação com o parceiro sexual, que não disponível ao Outro. A não disponibilidade desta reserva, deste resto, implicará o sujeito aparecer como objeto, sem nenhuma autonomia e conseqüentemente sem acesso ao desejo. O sujeito encontrar sua sustentação a nível puramente da imagem, das identificações imaginárias, implica a impossibilidade de agir em conformidade com seu desejo.

O exemplo literário clássico de inibição encontramos no drama Hamlet de William Shakespeare.

Múltiplos pensadores já se colocaram em relação a este drama shakespeariano. Para Goethe (apud FREUD, 1900/2012, p. 287), por exemplo, Hamlet fora “debilitado pela palidez do pensamento” (*Von des Gedanken Blässe angekränkelt*). Em outras palavras, no que seu pensamento não consegue estar a altura da ação desejada, Hamlet fica paralisado. Os próprios pensamentos levariam a um esgotamento, a uma inibição do eu.

O pensamento freudiano não coincide com de Goethe. Para o pai da psicanálise o personagem Hamlet nos mostra o poder da fantasia edipiana recalcada da qual só ficamos sabendo da existência por seus efeitos inibidores. Ou seja, é justamente em função de Claudio ter cumprido e exposto a fantasia infantil recalcada de Hamlet (matar seu pai e desposar sua mãe) que este hesitaria em cumprir a vingança que lhe coube. “O horror que deveria movê-lo à vingança é assim substituído por

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

autocensuras, por escrúpulos de consciência que o repreendem porque ele próprio, literalmente, não é melhor do que o pecador que deveria castigar” (FREUD, 1900/2012, p. 288). A inibição seria efeito do tornar consciente o que precisaria permanecer inconsciente. Se, por um lado, Lacan discorda que a inibição de Hamlet se deva à sua identificação com seu tio, é a partir desta diferença com o Édipo de Sófocles que Lacan dá início à sua leitura do drama shakespeariano. Afinal, ao contrário de Édipo que não sabia ter matado seu pai e desposado sua mãe, Hamlet é aquele que sabe do crime de seu tio Claudio.

Lacan abordará Hamlet ao longo de sete encontros do seminário “O desejo e sua interpretação” de 1958-59 e o retomará brevemente no seminário “A angústia”.

Para Lacan, “aquele que sabe é (...) alguém que não pagou o crime de existir” (LACAN, 1958-59, p. 261). A referência é à dívida simbólica do ser falante no que o discurso do Outro, e a falta no Outro, no processo de identificação simbólica passam a formar o inconsciente. No caso de Hamlet, a falta no Outro lhe é comunicada de maneira bem ‘viva’ pelo *ghost* do pai. A partir da ordem que dá o *ghost*, que Hamlet vingue a morte de seu pai, mas ao mesmo tempo poupe sua mãe, o que está colocado em primeiro plano é o desejo da mãe. Diferentemente da leitura de Freud, o que está em jogo na leitura de Lacan não é o desejo *pela* mãe, mas sim o desejo *da* mãe.

A mãe é uma mulher que não conhece luto. Freud nos diz, em Luto e Melancolia, que no luto trata-se de um processo de introjeção do objeto, mas para isto é necessário, como condição primeira, que o objeto seja constituído como tal. Para Lacan o objeto no amor é uma cobertura imaginária à falta do próprio sujeito. Portanto o luto é somente possível se houver a inscrição do objeto faltante como tal a ser

recoberto imaginariamente. O objeto na condição de estruturalmente faltante, objeto (no seminário de 1958-59) do desejo, Lacan designará de objeto *a*.

Na perspectiva de Hamlet o desejo do Outro, aqui a mãe, é da ordem de uma voracidade instintual; para ela o objeto genital “se apresenta como nada mais do que um objeto de gozo que é verdadeiramente satisfação direta de uma necessidade” (LACAN, 1958-59, p. 325). É algo menos que desejo: é glotonaria (idem, p. 316). Assim, não podemos dizer que Gertrudes, mãe de Hamlet, se apresente verdadeiramente como desejante, pois o objeto de seu desejo não é estruturalmente faltante, não se apresenta como metonímia de uma falta a ser, mas se coloca imaginariamente bem presente.

Que conseqüências a nível do desejo de Hamlet são pensáveis a partir deste enquadre em que a mãe trai o amor que Hamlet pai tem por ela no que ele nem luto merece? A primeira conseqüência é o deslocamento, ou generalização por parte de Hamlet ao presumir que se sua mãe não é capaz do amor, nenhuma mulher o é; em particular: Ofélia. Uma segunda conseqüência é que ele, Hamlet, como objeto, se vê negligenciado. Afinal, se para a mãe somente existem objetos de uso, o que fora ele para esta mãe? Na leitura de Lacan, nesta constelação, a fantasmática a sustentar o desejo de Hamlet, vacila (idem, p. 338).

Uma terceira conseqüência, intimamente relacionada às primeiras, nos remete à estrutura do eu como representada no esquema ótico. A positivação do falo imaginário (lembramos que na perspectiva de Hamlet o falo, para a mãe, não é faltante) “nos faz aparecer como objeto, por nos revelar a não autonomia do sujeito” (LACAN, 1962-63/2005). Diante de uma mãe que se mostra não desejante, não faltante, incapaz do luto, é de

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

sua reserva libidinal, de seu $-\phi$, que Hamlet se vê privado. Pois “o objeto *a* é o que sustenta a relação do sujeito com o que ele não é, na medida em que ele não é o falo” (LACAN, 1958-59, p. 371). O falo estar negativizado é condição para sustentação do desejo. Impossibilitado de sustentar seu desejo, Hamlet sucumbe à inibição.

Na sua relação ao inconsciente a inibição é marcada pelo excesso de sentido. Freud não foi o primeiro a intuir isto. Já em Nietzsche podemos ler: “Neste sentido, o homem dionisíaco se parece a Hamlet: ambos viram uma vez verdadeiramente a essência das coisas, adquiriram conhecimento, e a náusea inibe a ação... O conhecimento mata a ação, a ação requer o véu da ilusão” (NIETZSCHE, Nascimento da Tragédia).

Lacan não irá discordar da intuição do filósofo, mas reinterpretará tanto o “conhecimento da essência das coisas”, como “o véu de ilusão necessário à ação”. Como vimos, o véu necessário à ação se transforma, ao ser transpassado pelo esquema ótico, em inscrição do $-\phi$ sobre a imagem virtual. Quanto ao conhecimento da essência das coisas, Lacan nos recomenda, já em 1949, a abordar o eu a partir “da *função de desconhecimento* que o caracteriza em todas as suas estruturas” (LACAN, 1949/1998, p. 102). O registro do imaginário, intimamente relacionado ao eu nas teorizações de Lacan, é o registro que justamente tende a mascarar a falta própria do sujeito. O desconhecimento referido à função egóica é precisamente em relação ao saber que pode vir da experiência do inconsciente. O conhecimento próprio da consciência, do sujeito da ciência, foraclui a determinação simbólica do sujeito do inconsciente.

Em sua última formalização do sujeito Lacan propõe trabalhar com o enodamento borromeano dos registros Real, Simbólico e

Imaginário. Nesta articulação a inibição se apresenta como queda do registro imaginário sobre o simbólico. Considerando que o sentido se dá justamente nesta captura imaginária do simbólico, a queda do círculo do imaginário sobre o simbólico vem denotar um excesso de sentido, “o imaginário obturando, nessa queda (...) o furo *poiético* do simbólico” (AMIGO, 2007, p. 192).

Ainda nas palavras de Silvia Amigo: “Quando começa a primar o sentido compacto – não furado pelo *a*, fonte do não sentido – a inibição se faz presente na clínica, dado que este sentido todo implica uma compacidade do Outro” (AMIGO, 2013, p. 169). É a horrível verdade colocada também por Nietzsche, momento em que tudo ‘parece’ fazer sentido. Esse sentido todo, sentido que obtura o inconsciente inibe a ação. Além disso o “sentido todo” a denotar a inibição nos oferece uma articulação entre o esquema ótico e o nó borromeu.

Assim, a partir de posicionamentos subjetivos distintos, em relação a este eixo comum tem-se na melancolia um bloqueio ao inconsciente e na depressão uma recusa ética; na inibição tratar-se-ia de uma obturação. Pura Cancina nomeia estes posicionamentos em relação ao inconsciente de “suspensão do recurso ao significante”; feliz nomeação que vem assinalar que na maioria dos casos esta suspensão é temporária.

Um segundo eixo para situar diferenças subjetivas entre inibição, depressão e melancolia nos é fornecido por Lacan em seu seminário “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” de 1963-64. Em sua lição de 14 de março é introduzido o conceito de gesto. Inicialmente, confesso, resisti ao conceito. Na música gesto é um recurso à interpretação que eu valorizo muito! Assim é possível que a resistência inicial tenha advindo de ver este

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

conceito tão valorizado sendo apropriado pela psicanálise. Adiciona-se a isso que Lacan adentra o conceito a partir da pintura e o coloca muito próximo ao que chamamos de traço do artista. Diante desta imissão do imaginário instalou-se uma inibição de minha parte.

Lacan situa o gesto em relação ao objeto a escópico no que o gesto inverte a dialética temporal do significante. Dos três tempos lógicos, “instante de olhar”, “tempo de compreender” e “momento de concluir” o gesto coloca o instante de olhar como terminal. Nas palavras de Lacan: “O que na dialética identificatória do significante e do falado se projetará para frente como precipitação, é aqui, ao contrário, o fim, o que no começo de toda nova inteligência, se chamará instante de ver. (...) Este momento terminal é o que nos permite distinguir, de um ato, um gesto” (LACAN 1963-64/1998, p. 111). Deste modo ato se situa no pólo oposto ao gesto.

O gesto é feito para se conter e se suspender. O exemplo dado é o gesto de ameaça, que não é um golpe contido, mas um dado a ver que se inscreve em um retrocesso. Retrocesso, pois sua temporalidade cria para trás de si mesma sua significação. Lembremos aqui que o ato vem a se inserir no campo significante, vem a ser significado depois, *a posteriori*. Temos aí uma primeira articulação possível com a inibição, pois nesta qualquer ação já é significada de antemão, como vimos anteriormente. O instante de ver, momento terminal no gesto, só pode intervir, como nos diz Lacan, como sutura, junção do imaginário e do simbólico, o que já nos oferece um segundo ponto de apoio. Lembremos da queda do imaginário sobre o simbólico a caracterizar a inibição.

Retomemos a suspensão, característica do gesto. Lacan a relaciona ao mau-olhado. “O mau-olhado é o fascinum, é o

que tem por efeito parar o movimento e literalmente matar a vida. No momento em que o sujeito pára, suspendendo seu gesto, ele é mortificado” (LACAN, 1963-64/1998, p.114).

Importante reforçar aqui que em relação ao gesto é como desejante que o sujeito, na inibição, é colocado em posição de objeto imaginário do desejo do Outro. A mortificação aqui vem a aplacar a certeza que o agir teria em função da significação que o Outro lhe dá.

Ousaria colocar que na depressão, em relação à inibição, teríamos ao menos em alguns casos o acréscimo de um “dar a ver”. O afeto da tristeza se dar a ver colocaria a depressão mais próxima do gesto se pensarmos no exemplo do gesto de ameaça.

Já em relação à melancolia, acrescida à mortificação do fascinum, teríamos o empobrecimento pulsional e a severidade do supereu. Citando Pura Cancina: “Essa obediência ao supereu não é efeito de uma assunção simbólica, mas, ao contrário, deixa o sujeito sem a possibilidade da palavra, condenando ao silêncio. O sujeito que sofre a experiência do mau olho atesta estar despossuído da palavra e, sem a possibilidade do véu que sustenta a palavra, fica imerso na experiência da desnudez, de uma transparência vergonhosa” (CANCINA, P. 2004, p. 233). A detenção própria do gesto vem aqui sofrer uma paralisia mortificante.

Chegado o momento de concluir, marcado sempre por uma precipitação (nem que esta sobrevenha por uma questão de esgotamento do tempo) resta constatar que também na escrita de um trabalho a significação virá *a posteriori*. No entanto, em nosso comprometimento com a psicanálise, não há como fugir da tentativa de elaboração diante do impasse clínico que nos apresenta uma suspensão do significante, seja na forma de

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

uma inibição, uma depressão ou uma melancolia. Afinal, o analista há de ser ao menos dois.

Muito obrigado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIGO, S. **Clínica dos fracassos da fantasia.**

Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007

AMIGO, S. **Clínicas del cuerpo: lo incorporal, el cuerpo, el objeto a.** Buenos Aires: Letra Viva, 2013

CANCINA, P. **A fadiga crônica – Neurastenia.**

Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

FREUD, S. (1900) **A Interpretação dos Sonhos.** Porto Alegre: L&PM, 2016

FREUD, S. (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução.** In Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974, v. 14

FREUD, S. (1914) **Os instintos e suas vicissitudes.** In: Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974, v. 14

FREUD, S. (1914) **Psicologia de grupo e análise do ego.** In Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud: Imago Editora, 1976, v. 18

FREUD, S. (1914) **O ego e o id.** In Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, v. 19

FREUD, S. (1926) **Inibições, sintomas e ansiedade.** In Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, v. 20

LACAN, J. (1949) **O estádio do espelho como formador da função do eu.** In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998

LACAN, J. (1958-1959) **O desejo e sua interpretação: seminário 1958-1959.** Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002

LACAN, J. (1960) **Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”.** In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998

LACAN, J. (1962-1963) **O seminário, livro 10: a angústia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005

LACAN, J. (1973) **Televisão.** In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

NIETZSCHE, F. (1887) **Genealogia da moral: uma polêmica.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009